

Da fotografia e dos corpos: A desconstrução e as relações de gênero no ato de fotografar nos manifestos políticos do jovem Jürgen Klauke

Ana Carolina Eiras Coelho Soares¹
Tomaz Castrillon de Figueiredo²

Resumo

O presente trabalho procura uma reflexão teórica acerca da função da fotografia em si na sociedade contemporânea e as suas interfaces com as relações de gênero, bem como da essência do ato de fotografar, centrando-se na possibilidade da reconstrução das imagens reais – coisas e corpos – a partir da encenação pelas imagens. Como ponto de discussão utilizamos a obra do Fotógrafo Jürgen Klauke onde, como ator do movimento feminista – com reflexões características do movimento feminista europeu da década de 70 – teria usado destes modelos de construção e encenação para construir um corpo que não mais pertence aos corpos admitidos, por assim dizer, na realidade, mas que tornam a idéia possível na medida em que abrem a possibilidade em um universo simbólico. A respeito da visão de si mesmo, bem como da própria visão do mundo, muitos autores identificaram uma nova forma de lidar com imagens e com o mundo a partir da reprodução técnica de imagens.

Palavras-chave: Fotografia; Gênero; Corpo; Auto-retrato; Simbolização.

Abstract

This paper seeks a theoretical reflection on the role of photography itself in contemporary society and its interfaces with gender relations as well as the essence of the act of photographing, focusing on the possibility of rebuilding the things real – images and bodies – from staging the images. As a discussion point we used the work of Jürgen Klauke Photographer where, as an actor of the feminist movement - with features reflections of the European feminist movement of the 70s - have used these building models and scenario to build a body that no longer belongs to accepted bodies so to speak, in reality, but they make it possible idea to the extent that the possibility to open a symbolic universe. Regarding the view of himself and of his own view of the world, many authors have identified a new way of dealing with images and the world from the technical reproduction of images.

Keywords: Photography; Gender; body; Self-portrait; Symbolization.

Este trabalho é fruto de um aprofundamento teórico sobre um debate do valor da reflexão promovida pelo fotógrafo alemão Jürgen Klauke ao longo de

¹ Prof.^a Adjunta do Programa de Pós-Graduação em História/Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás; Coordenadora do GT regional de Gênero - Seção Goiás e Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero/FH-UFG/CNPq.

² Músico. Graduando em História. Ex-bolsista PIVIC. Universidade Federal de Goiás

sua trajetória para os estudos de gênero bem como os mecanismos fundamentais da fotografia encenada utilizada por artistas como Klauke para atingirem seus objetivos³.

Jürgen Klauke é um reconhecido fotógrafo alemão nascido em 1943 e muito influenciado pelos debates acerca de sexualidade e corpo promovidos pelo movimento feminista em particular na década de 70 e final de 60, sendo ele mesmo muito ativo da época. Seu trabalho é marcado por uma forte atmosfera surrealista e de reflexão internalizada, voltadas, muitas vezes, para a busca de uma identidade de figuras que nos parecem absolutamente deslocadas em seus universos fantásticos e teatrais. O trabalho usado fundamentalmente como exemplo neste trabalho foi “Selbstportrait” de 1971, por ser talvez seu trabalho mais objetivo na exploração de sua imagem frente ao espelho.



Klauke, Jürgen. Selbstportrait sample.

Em primeiro momento fez-se fundamental o estabelecimento da dissociação entre o que seriam questões de gênero e de sexo. O fundamento está que questões de gênero dizem respeito ao que é eminentemente masculino ou feminino. Trabalha nesta polaridade construída culturalmente e instituída por dinâmicas de poder estabelecidas na relação e significação que

³ As reflexões iniciais deste trabalho surgiram durante o programa de intercâmbio UNIBRAL da Capes pela Universidade Federal de Goiás (UFG) na Katolische Universität Ingolstadt na disciplina “Inszenierung der Fotografien” da prof. Susanna Ott em 2013-2014.

se atribuem a cada um dos polos. Quanto as questões de sexo dizem respeito ao que se volta para o que é, de uma forma ou outra, de fundo biológico (macho e fêmea). Tendendo a um geneticismo, o sexismo, por exemplo, busca se afirmar em um naturalismo que por vezes desconsidera a sociedade contemporânea como uma estrutura já em si não naturalista em seu funcionamento.

Diria que mesmo a questão de gênero não é exatamente dissociável de uma base “biologicista”, e tende por tanto a se firmar em noções de fundamento biológico (hoje apoiadas por espasmos do geneticismo) quase estritamente físicas no sentido mesmo de genitália.



Klauke, Jürgen. Selbstportrait sample.

Essa foto é de uma mão feminina ou masculina? A dúvida é o elemento-chave para a discussão de gênero nas fotografias de Klause. A divisão causada por este eixo dicotômico de possibilidades – masculino ou feminino – foi um dos pontos centrais de ataque por parte do feminismo da década de 70, especialmente rico pela reflexão artística feita em diversas áreas nas artes plásticas e firmada ainda até a década de 80 destacavelmente na fotografia.

Foucault determina em seus trabalhos de História da sexualidade que todo limite não é provavelmente mais do que um corte arbitrário em um conjunto indefinidamente móvel. As rígidas classificações estabelecidas geram

visões limitadas em um imaginário social que formula um determinismo de fundo biológico sobre o sexo para padrões de apresentação e comportamento. A arte foi então campo privilegiado para gerar esta discussão devido à sua própria natureza.



Klauke, Jürgen. Selbstportrait sample.

Em todos os possíveis âmbitos, a arte parece ser o espaço da falta. É o espaço privilegiado de criação simbólica, uma vez que, ao longo da história, segue formulando novas visões de mundo sempre guiadas pela curva do tempo às necessidades ou exacerbações dos contemporâneos de cada época (e os falo contemporâneos no sentido geral atribuído por Aganben em sua obra “o que é o contemporâneo”, onde um homem contemporâneo de seu tempo deve ser o homem capaz de identificar as trevas de seu tempo, mas também a luz que pode vir. Como ao se olhar o céu se compreende que os espaços de trevas por entre as estrelas são apenas espaços preenchidos por outras estrelas, que pela distancia e constante movimento pela expansão, a respectiva luz não nos chega a alcançar, mas está lá), e desta forma evolui uma visão política do homem sobre o mundo ao reposicioná-lo frente ao mesmo. É um homem que transcende os limites tanto na técnica quanto em sua composição estética, como vemos abaixo.



Klauke, Jürgen. Recorte do Selbstportrait sample.

Um excelente exemplo desta movimentação típica da arte (e já dizendo respeito à fotografia em si) pode ser encontrado nas reflexões de Walter Benjamin em seu texto “Pequena história da fotografia” no que diz respeito ao movimento modernista do dadaísmo. Neste texto, Benjamin posiciona os aspectos do movimento dadaísta como simultaneamente de reação e predição.

A reação é a de uma sociedade que se volta para as imagens a partir de uma nova programação na formação das mesmas, desta forma o dadaísmo se encaixa como um continuísmo nos processos de colagem e na nova forma de percepção imagética que se formava já, digamos, “progressivamente” com o advento de métodos de reprodução como, por exemplo, o da xilogravura. O dadaísmo, incoerente como costuma parecer em uma primeira contemplação, o é como (segundo ainda Benjamin) como momento radical de transição no modo de percepção deste universo imagético. É um momento-espço para testes e adaptações em um mundo que começa a surgir e se apresenta por potenciais ainda não completamente reconhecidos.

Retomando em parte o que foi dito a respeito da reação, a predição dá-se justamente quanto a relação e produção tanto mecânica, de certa forma, quanto acelerada com este novo tipo de imagem que surge. O movimento dadaísta teria seu desenvolvimento estético peculiar interrompido pelo advento

aceleradíssimo da fotografia, que aperfeiçoou os principais instrumentos (e com um volume de produção em muito superior) desenvolvidos pelos dadaístas e se consolidou.

Em suma, o caminho se volta para o determinismo biológico e os signos incorporados passam a ser então a única possibilidade dentro de mapeamentos nas identidades de gênero. O universo que se reconhece é imagético, codificações do mundo em um código que seja apreensível, e forma uma espécie de mapa para a orientação no mesmo. Mas, a partir dos trabalhos de Vilém Flusser, é possível pensar pelo conceito de *Imagem técnica*. Neste tipo particular de imagem (aquela reproduzida em massa por maquinário específico e unidade do que seria o *Universo fotográfico*), a característica fundamental é uma apreensão e reprodução em massa da mesma, e, funcionando como uma espécie de óculos limita o espaço real de visão que pode ser apreendido.



Klauke, Jürgen. Recorte do Selbstportrait sample.

A dúvida e a fluidez são a problemática do tema, mas a própria limitação o espaço real, mas que esta reprodução parte de um universo privado e se direciona para o público. A palavra rege a formação destas imagens pessoais que significam o mundo e passa a aparecer no universo público como o próprio mundo. Uma película que cobre um mundo em potência, o próprio ato

de uma linguagem limitada (mais limitada pela perda de controle da esfera conceitual).

As relações de gênero, como noções primárias de definição dos sujeitos históricos, se entrelaçam na obra do autor. Não há um limite claro, definido sobre os corpos. Atuam sobre sua obra uma melíflua extensão da liquidez dessas relações. Nos trabalhos da respeitada crítica de arte norte-americana Susan Sontag, encontro um fio teórico para o próprio ato de fotografar bastante direto e útil a este debate.



Klauke, Jürgen. Recorte do Selbstportrait sample.

Segundo Sontag, o ato de fotografar é fundamentalmente um ato de compor, de encenar algo em sentido realmente teatral. De forma consciente ou não (e este é um consenso entre os três autores fundamentalmente trabalhados neste artigo) ocorre uma “encenação conceitual”, digamos assim, na planificação da realidade que constitui a fotografia. Simultaneamente, a fotografia é, portanto uma construção conceitual, um posicionamento político. Nesse sentido, a fotografia de Klauke é um espaço político de desconstrução das atribuições socialmente destinadas ao masculino e ao feminino, mostrando que estas não são determinações física-biológicas, mas uma organização social em torno do sexo, ou seja, gênero. (SCOTT, 1990, p.71) “Ser” “homem” ou “mulher” é estruturado no bojo da História, e se modifica no tempo e na cultura, e que institui os corpos, os gestos, os espaços e as ações. Sua recusa em

aceitas qualquer papel determinante é um ato político de um repensar da cultura como fonte de fazer político dentro da política que atua sobre os corpos na sociedade.



Klauke, Jürgen. Recorte do Selbstportrait sample.

Tendo-se então cristalizados estes conceitos na linguagem, estão também os símbolos cristalizados nos códigos presentes nas lentes dos óculos e são também os valores cristalizados e universalizados pelo que Benjamin chamara de rompimento com a “máxima verdade de Heráclito”. É, porém ainda imperativo sinalizar que as lentes funcionam de forma igual para que o indivíduo perceba a si mesmo, no caso de se observar, por exemplo, frente a um espelho.

O caso apresentado pelo Professor alemão Andreas Becker em seu trabalho “Walter Benjamins Begriff de >Optische-Unbewussten< und die Experimente mit der filmischen Zeitdehnung” é particularmente proveitoso a este debate. Retomando um exemplo de Sigmund Freud, expõe a situação de um homem que vê, inicialmente de relance, outro homem a certa distância ao entrar em um recinto. O pensamento imediato deste homem julga o indivíduo que enxerga como um sujeito mal vestido, provavelmente relapso e descuidado com sua aparência por deficiência moral. Este lapso é, porém interrompido ao realizar-se de que se tratava de um espelho e o outro homem era somente seu reflexo.

No exemplo do professor, o inconsciente óptico que nota-se teorizado ao longo do trabalho de Benjamin é já parcialmente exemplificado. O inconsciente produz a percepção imediata a partir de conceitos chave na esfera pública, mas, a partir de um ponto de reflexão externo onde o consciente possa ter o vislumbre claro do funcionamento deste inconsciente marcado agora por uma percepção onírica estrangeira, é possível uma desconstrução da primeira decodificação da mesma imagem.

O trabalho do artista entra exatamente neste ponto. Algumas das fotografias de Klauke até mesmo dialogam diretamente para o espelho. Em uma de suas fotos em seu projeto denominado “Selbstportrait”, Klauke surge como uma de suas muitas figuras andrógenas e, com um olhar melancólico, parece se analisar frente a um espelho, portanto flores, roupas finas e delicadas em contraste com os pelos do peito a mostra e seus traços tão caracteristicamente masculinos.

(...) Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros brancos, ou índios, ricos ou pobres etc. [...] Não é possível fixar um momento- seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade- que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo elas são instáveis e, portanto passíveis de transformação” (LOURO, 2011. p.30)

A arte tem já uma função de espelho, por onde a sociedade pode se ver refletida e entrar em contato com distorções que destaquem ali pontos não assimilados fora da obra. Foi o uso do fenômeno do inconsciente óptico uma grande arma para Klauke e muitos outros.

Um objeto audiovisual pode servir de grande exemplo para esta explicação. Cada zoom in (ou mesmo zoom out) ou variação no tempo da narrativa (uma sequência em câmera lenta ou mesmo acelerada) gera uma percepção diferenciada aos olhos de quem vê. Esta distorção não desperta somente sensações específicas de acordo com o modo como é usada, mas tem o potencial de expandir a percepção que se tem sobre determinadas ações, momentos ou acontecimentos. Um vídeo em câmera lenta de um acontecimento esportivo como o chute a uma bola pode alterar por exemplo a visão elementar da física que um cidadão comum faria do acontecimento, pois

agora pode perceber os movimentos de compressão a oscilar a forma da bola que foi chutada, fazendo com que se mova.

A fotografia provocante de Klauke, portanto, força os limites forjados pela visão de fundo meramente biológico. Ao misturar símbolos específicos a cada sexo, Klauke parece fazer da fotografia seu próprio espelho, seu personagem parece buscar uma identidade pela experimentação. Unindo símbolos que por vezes parecem aleatórios, retira o peso dos mesmos e cria uma encenação e uma atmosfera teatral em suas fotografias.

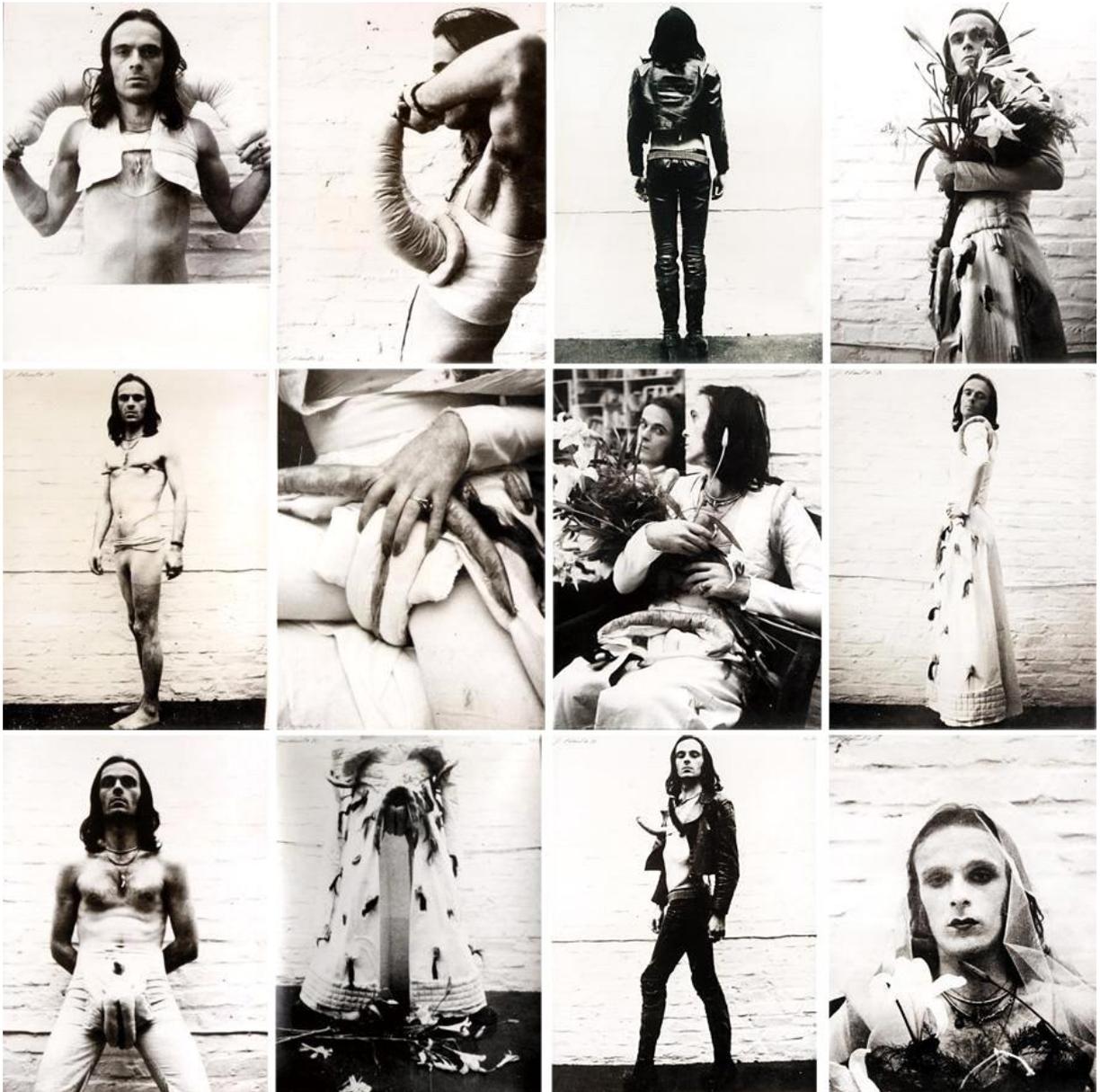
É preciso se convencer de que raras vezes é o referente que produz o sentido e que, por exemplo, nos processos de fabricação da “celebridade”, o papel dos atributos do referente nem sempre é o mais importante. O outro aspecto é a obrigação que fica patente, de dar atenção à construção da imagem, às condições técnicas e sociais de sua produção e consumo. (MENESES, 2003, p. 18)

Em suma, sua arte parece ter um caráter de janela, criando uma abertura no mundo que, mesmo com o caráter fantástico de parte de suas obras, abre as percepções às variações do eixo de percepção que não se enxerga mais no mundo de imagens técnicas, tornando reais essas novas possibilidades em um universo simbólico (o que é fundamental uma vez que qualquer aspecto no mundo só pode ser tido por real (no sentido de ser reconhecido) na medida em que pode ser decodificado, e, para tanto, deve ser primeiramente codificado como símbolo dentro do código imagético).



Klauke, Jürgen. Recorte do Selbstportrait sample.

A composição do álbum de Klauke que serve de principal exemplo neste trabalho possui uma característica (que não é somente presente nesta obra, mas aparece em diversos trabalhos ao longo de sua carreira mesmo que não de forma tão objetiva) ainda relevante a análise é a composição do todo da exposição correntemente próximo ao que seria a composição de um álbum de fotografia. Historicamente falando, os álbuns de fotografia surgem (e talvez ainda seja possível dizer que seguem) como objeto de afirmação de importância e existência (como o era claramente nos álbuns de família, ao conceder uma história da mesma, concedendo-lhe uma aproximação com a tradição). Gera, no caso de Klauke, uma autoafirmação do personagem ao reivindicar uma trajetória e delinear, pela produção de diversas fotografias, uma identidade ao mesmo ou ao menos reivindicá-la. “Selbstportrait” é uma expressão sensível de um personagem buscando construir uma atmosfera a qual pertença.



Klauke, Jürgen. Selbstportrait sample. (Completo)

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo. In: _____. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinícios Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. p. 57 – 73.

BECKER, Andreas. Walter Benjamins Begriff de >Optische-Unbewussten< und die Experimente mit der filmischen Zeitdehnung. In: KREUZER, Stefanie. *Experimente in den Künsten – Transmediale Erkundungen in Literatur, Theater, Film, Musik und bildender kunst*. München Universität: Transcript. 2012.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense. 1985.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade volume I*. São Paulo: Graal 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro. Vozes, 2011.

KÜHN, Sabrina. Jürgen Klaukes *Self Performance*. In <http://www.ruhr-uni-bochum.de/genderstudies/kulturundgeschlecht/pdf/Kuehn.pdf>

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n.45, 2003, p. 11-36.

NEVES, Maria Eduarda Dias. *Sobre o Auto-retrato – fotografia e modos de subjetivação* (tese de doutoramento). Uned. 2012.

SONTAG, Susan. *Regarding the Pain of Others*. USA: Picador. 2003.

SONTAG, Susan. *On Photography*. USA: Picador. 2001.

SCOTT, Joan W. *Gender and the Politics of History*. Revised Edition. New York: Columbia University Press, 1999.